

Idolatria a Médiuns

- Lenice Sivieri Varanda –

“Não vos façais, pois, ídólatras...” – Paulo (I Coríntios, 10: 7)

Impressiona-nos, em plena atualidade, apesar do Espiritismo ter sido codificado em termos de fé raciocinada, ainda encontrarmos a idolatria a médiuns, uma prática comum nos meios spiritistas. O fascínio que médiuns e mediunidades exercem sobre o espírito popular esta condicionado, conforme descreve Emmanuel, na lição 72 de “O Espírito da Verdade”, ao fato de que *“Núcleos religiosos de todos os tempos e mesmo certas práticas, estranhas à religião, têm usado a Idolatria como tradição fundamental para manter sempre viva a chama da fé e o calor do ideal. O hábito vinculou-se tão profundamente ao espírito popular que, em plena atualidade, nos arraiais do Espiritismo Cristão, a desfraldar a bandeira da fé raciocinada, às vezes, ainda encontramos criaturas tentando a substituição dos ídolos inertes pelos companheiros de carne e osso da experiência comum, quando chamados ao desempenho da responsabilidade mediúnica”*.

Emmanuel, ainda, traça um paralelo com o Cristianismo Primitivo, destacando a interferência do pensamento humano na modificação dos hábitos apostólicos, por interesse das classes político-religiosas. Vários dogmas relacionados a adoração de imagens foram sendo adotados, como a “Adoração de imagens, relíquias e cruzes”, no ano de 788.

“A Doutrina Cristã, em sua pureza de fundamentos, surgiu no clima da Galileia, dispensando a adoração indébita, em todas as circunstâncias, devendo-se exclusivamente à interferência humana os excedentes que lhe foram impostos ao exercício simples e natural” (Emmanuel, O Espírito da Verdade, Lição 72).

Pela força desse atavismo, encontramos no movimento espírita, muitos desses personagens do passado, associados às mentes invigilantes do presente, que, em consequência de sua imaturidade transformam os cenários mediúnicos em locais de adoração aos médiuns, lembrando-nos o endeusamento das pitonisas greco-romanas. Entretanto, o Espiritismo, na condição de um processo libertador de consciências, pretende nos afastar de todo processo místico, conduzindo-nos pelas veredas da fé, ao caminho que raciocina, que reflete, que analisa.

“A força de se iludirem com a idolatria muitos companheiros, menos vigilantes, desejariam condecorar trabalhadores da Nova Revelação, criando galerias para o relevo pessoal. Entretanto, não há uma só frase na Codificação Kardequiana em que se recomende tratamento especial a esse ou àquele médium porque fale com mestria ou materialize desencarnados, porque transmita força curativa ou psicografe livros renovadores” (Emmanuel, Seara dos Médiuns, Lição 31).

Trata-se, portanto, de mais uma prática estranha, pois, conforme nos diz Emmanuel, no livro Seara dos Médiuns, lição 31, que *“a preocupação fundamental dos emissários divinos, na formação de nossos princípios, foi, aliás, edificar moralmente a instrumentação mediúnica em bases de simplicidade e desinteresse. Não existem, desse modo, médiuns maiores ou médiuns menores, favorecendo, entre nós, a constituição de prerrogativas e castas”*.

Por isso mesmo na configuração doutrinária do Espiritismo, a ideia é direcionar os esforços de todos para sua finalidade básica, a revivescência do Cristianismo Primitivo, onde não havia espaço para a vaidade, o personalismo, sendo a mediunidade, no campo

do profetismo puro, uma oportunidade de serviço, não existindo qualquer tipo de privilégio ou endeusamento dos médiuns. O valor do trabalhador, seja médium ou simples colaborador do grupo cristão, era medido pelo sacrifício pessoal, renúncia ou o testemunho da própria vida em favor da difusão do Evangelho.

*Por essa razão, todos os operários da construção espírita são respeitáveis. Os doutrinadores que se esmeram em socorrer um irmão obsidiado, através de entendimento particular, estão fazendo obra idêntica aos que usam brilhantemente a palavra, arrebatando multidões, e os médiuns que grafam compêndios santificantes não são superiores àqueles outros que se consagram à restauração dos enfermos (**Emmanuel, Seara dos Médiuns, Lição 31**).*

Finalizando, entendemos a necessidade de se combater essa prática estranha de idolatria de médiuns, cujas consequências são danosas à natureza religiosa do Espiritismo que não admite em suas práticas qualquer tentativa de hierarquia religiosa, pela possibilidade de surgimento de falsos líderes. Fazendo valer, apenas, o estímulo que devemos uns aos outros, no campo da fraternidade, da solidariedade e do trabalho espírita cristão, o Espiritismo enseja-nos, apenas, o aparecimento de líderes naturais, por sua conduta moral e pelo resultado transformador e moralizador de suas obras, pois, na afirmativa de Emmanuel, *"Tanto na mensagem do Evangelho, quanto na mensagem do Espiritismo, o que prevalece, acima de tudo, é a responsabilidade para cada um de nós"* (**Emmanuel, Seara dos Médiuns, Lição 31**).